

DROGUETT, Juan Guillermo. *Ortega y Gasset, uma crítica de razão pedagógica*. Petrópolis: Vozes, 2002. 116 p.

O livro de Juan Droguett foi organizado em quatro capítulos. No primeiro o autor apresenta aspectos da vida pessoal do filósofo espanhol José Ortega y Gasset, no segundo examina questões amplas de cultura entre as quais estão os problemas da educação, no terceiro aborda os problemas pedagógicos na ótica orteguiana e no quarto trata da relação entre a educação e Pedagogia.

Na introdução, o autor expõe seu objetivo que é avaliar as ideias fundamentais do raciovitalismo de Ortega y Gasset aplicadas ao processo educativo. Ele também apresenta o plano da obra, explicando como foi realizada a divisão em capítulos.

O primeiro capítulo relata os acontecimentos marcantes da vida de José Ortega y Gasset numa tentativa de vê-los relacionados com as suas obras mais marcantes. O autor emprega na obra a lição orteguiana de que o homem é um eu e sua circunstância. O ponto de partida é o relato do modo de vida da primeira metade do século, ele faz uma descrição da vida das pessoas que viveram entre as guerras mundiais. As dificuldades daquele momento sugerem que se vivia uma crise histórica como outras que o filósofo espanhol também procura descrever e compreender. Apesar das divergências com Oswald Splenger, Droguett observa que Ortega y Gasset utiliza a metáfora biológica com a qual Splenger interpreta a sensação de crise do Ocidente. Em que pese o caráter amplo e generalizado da crise daqueles dias, Ortega y Gasset deliberadamente procura pensá-la a partir da experiência do homem espanhol, o que torna sua reflexão muito acessível e próxima do universo de referência do homem ibero-americano. O desfecho para a crise é a aproximação entre razão e a vida. Esclarece o autor a posição orteguiana: “a razão sempre está enraizada na vida entendida como a base orgânica de toda a existência e de toda consciência” (p. 28). No encerramento do capítulo, avalia Droguett, que através do uso singular da fenomenologia, Ortega y Gasset, “cria conceitos de experiência viva que não têm sido igualados por nenhum outro pensador da tradição fenomenológica e existencialista”. (p. 31).

O capítulo seguinte examina a cultura de massa, forma como o filósofo espanhol referia-se à sociedade do seu tempo. O que é uma sociedade de massa? O autor explica como Ortega y Gasset trata da gênese do fenômeno. Ele coloca, na raiz da sociedade de massa, o extraordinário incremento demográfico da Europa que, em pouco mais de um século, saltou de 180 para 460 milhões de pessoas. Esta multidão de homens e mulheres ocupou todos os espaços da cidade e campo, levando gradativamente à perda da intimidade e a uma padronização da conduta. O crescimento populacional foi possível por conta do extraordinário enriquecimento da sociedade. Ele que permite “que as massas exercitem e desfrutem hoje de um nível material e espiritual de vida que em tempos passados parecia reservada exclusivamente às minorias dirigentes” (p. 49). Crescimento demográfico, socialização da vida e enriquecimento material da sociedade são fatores geradores do homem massa. Neste ponto do relato, Droguett esclarece o comprometimento ético presente no conceito orteguiano. Explica: “O ser humano massa é aquele que não se exige, (...), vive em cada instante aquilo que já é, sem esforço de aperfeiçoamento”. (p. 52). A referência ontológica com a qual Ortega y Gasset se refere à vida do homem soma de *eu e circunstância* fica sacrificada pelo homem massa em um dos termos. Eis o que isto significa: “na dualidade eu e circunstância, que caracteriza o drama humano, o ser humano massa tem destruído um dos elementos desta dualidade, o eu, e tem deixado vigente só à circunstância” (p. 54). Uma das formas de educar as massas é estimular a atitude exemplar das elites que, por sua força moral, possa provocar a docilidade das massas. O que se depreende daí é que a sociedade de massa produz o esquecimento da singularidade humana. A atitude exemplar é parte da formação de uma elite e constitui a liderança social tão presente em outros períodos da história. No seu tempo, diz Ortega y Gasset, prevalece o governo das massas, também denominado de hiperdemocracia. O problema, portanto, não está no sistema político democrático, mas na deficiência moral do homem massa. Diz o autor: “Para Ortega, a cultura moderna ficou sem moral, não no sentido de que o ser humano massa menospreza uma moral antiquada em benefício de uma nova moral, mas que o centro de seu regime vital consiste, justamente, na aspiração a viver sem submeter-se à

moral nenhuma” (p. 63). Ora, de alguma forma é preciso orientar os impulsos naturais para que seja possível a vida civilizada. Entende-se, então, a importância do projeto pedagógico orteguiano, onde, através do preparo humanista, é possível forjar um novo momento cultural. Este é um assunto importante, pois a superação das dificuldades da sociedade tecnológica das massas depende da valorização do que há de humano no homem. O valor central da cultura ocidental é a pessoa, logo sem as noções de humanismo a cultura perde seu valor de referência principal.

O terceiro capítulo apresenta as mais importantes teses do projeto pedagógico orteguiano. O autor esclarece que, mesmo que Ortega y Gasset não elabore uma análise exaustiva da prática docente, “salienta fatos e circunstâncias que os professores em exercício subestimam ou simplesmente ignoram” (p. 71). O primeiro e mais importante destes fatos é a vida primária e espontânea do espírito. Ela permanece igual há muitos séculos e tem sido desconsiderada pela sociedade tecnológica de nossos dias. Assim, a educação é um projeto “para orientar, potencializar e intensificar a essência íntima da criança por vias naturais, mas tem pretensões de imitar a natureza, como queria Rousseau” (p. 74). O autor observa que o respeito às exigências íntimas do estudante concebida por Ortega y Gasset não equivale às críticas do genebrino Jean Jacques Rousseau à interferência da sociedade na preparação do educando. As considerações de Rousseau não têm sentido à luz da meditação orteguiana. Droguett destaca a importância que Ortega y Gasset atribuía à circunstância interna e externa do educando, para a qual pouco atentos estão os mestres. Escreve o autor que: “o ensino fundamental, o ensino médio, o colégio profissionalizante e a universidade acolhem a criança ou o jovem em etapas sucessivas e se apoderam de seu destino sem se importar com a direção do mesmo e sem cuidar de conjugá-lo com imperativos em vigência e com aqueles que aparecem no horizonte cultural da época”. (p. 76). A ênfase orteguiana está, portanto, no respeito às exigências íntimas do educando. No entanto, o impulso vital de que fala não se confunde com os elementos psicológicos do sujeito valorizados pela Escola Nova.

O último capítulo faz uma análise das ideias sobre educação de Ortega y Gasset. A primeira que ele menciona é a procura de um arquétipo educativo que sirva ao homem do

futuro e da técnica pedagógica a ser usada em sua formação. O futuro é o que está se desenhando no presente e embora traga novas exigências não pode desconsiderar os impulsos vitais do aluno. Outra questão relevante é o vínculo entre Filosofia e Pedagogia. Acompanhando a tradição iniciada por J. F. Herbart, Ortega entende que a Pedagogia “é a aplicação aos problemas educativos de uma maneira de pensar e sentir sobre o mundo, ou seja, uma filosofia” (p. 86). Como os educadores ordinariamente não se preocupam em criar uma filosofia, usam uma do passado. Somado ao fato de que a vida está em mudança contínua, o educando acaba preparado para viver numa sociedade que não existe mais quando ele alcança a vida adulta. Por isto Ortega antecipa aspectos da sociedade futura para que os educadores de hoje possam preparar os homens de amanhã. A terceira ideia avaliada por Drogueff é a despreocupação da Pedagogia com a vitalidade humana, uma vez que respeitá-la não significa promover sua adaptação a um determinado tipo de sociedade. Outra ideia fundamental é o respeito às motivações do estudante ordinariamente diferentes das que possuíam os construtores da ciência. Este e os outros aspectos devem guiar a seleção dos conteúdos didáticos. Quanto à técnica usada para ensinar o conteúdo o fundamental é que ela “incentive o amor pelo social, estimule o altruísmo e dote o aluno de confiança na capacidade de melhorar, imanente ao ser humano” (p. 94).

Na conclusão, o autor refere-se à Pedagogia como aquela ciência que bem articula a relação entre o eu e a circunstância. A missão da escola não é apenas de transmitir o saber, mas estimular os valores de humanidade. Ao respeitar a dimensão radical do homem, o projeto educativo adquire um sentido metafísico profundo. Na avaliação do autor, a Pedagogia orteguiana “é dinâmica, integral, levando em consideração o todo e concreto” (p. 100). Nela, o diálogo com a Filosofia é ponto alto e assunto que merece continuados estudos.

O livro termina com a apresentação de uma bibliografia comentada das obras mais importantes de Ortega y Gasset. Ele também possui uma lista de obras sobre Ortega y Gasset editadas nas línguas portuguesa e espanhola.

Como podemos avaliar o livro de Drogueff? A obra tem virtudes facilmente captáveis. Ela apresenta, ainda que de modo resumido, as teses fundamentais da ontologia

de Ortega y Gasset. Elas são fundamentais para esclarecer as suas ideias pedagógicas. É a educação que transforma as pessoas. Apesar de tantas lacunas o trabalho de Droguett é importante devido à escassa bibliografia sobre Ortega y Gasset em língua portuguesa e porque ele fornece de modo didático e organizado as principais teses orteguianas sobre a educação. Algumas lacunas sobre as idéias pedagógicas orteguianas também aparecem. Eis as mais importantes: a inserção do programa educativo numa realidade social específica, a ênfase no limite do professor como modelo para os educandos, o diálogo com Pestalozzi, a possibilidade de a universidade ajudar a enfrentar os momentos de crise, o papel da técnica na formação do educando, o aspecto coerente das idéias pedagógicas orteguianas, embora propostas num sistema aberto, a importância de reconceituar a razão orteguiana para entender o caráter histórico, complexo e subjetivo das ideias.

Ac. Vanessa da Costa Bessa (PIBIC/CNPq/UFSJ – São João del-Rei - MG)
Orientador: Prof. Dr. José Mauricio de Carvalho (UFSJ)

Data de registro: 20/02/2009
Data de aceite: 07/05/2009